

---

## *The Handmaid's Tale: sobre mulheres e suas histórias?*<sup>1</sup>

Eloísa Barbosa da COSTA<sup>2</sup>  
Cléber Nelson DALBOSCO<sup>3</sup>  
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

### RESUMO

O presente estudo pretende mostrar um resumo da história da mulher, como ela era vista. Considera a história de Eva, das bruxas e as diversas representações que ela teve ao longo dos tempos. Apresentaremos a série *The Handmaid's Tale*, a qual narra os acontecimentos de uma sociedade amplamente dominada por um regime teocrático e totalitário. Esta sociedade passa por uma onda de infertilidade e, por isso, as mulheres perdem seus direitos e começam a ser perseguidas para serem usadas como objetos de procriação. Como princípios metodológicos, assistimos a série e a partir dos dois primeiros capítulos, traçamos algumas aproximações conceituais sobre a figura da mulher e a maneira como a série tende a apresentá-la. Esse estudo está em andamento por esse motivo, ainda é impossível de apresentarmos conclusões mais delimitadas, porém, compreendemos que, considerar aspectos sobre esta série pode ser válidos para o entendimento de manifestações e ideias presentes na cultura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher; *The Handmaid's Tale*; Eva, Aias.

### 1 MULHER

Mulher, ser humano assim como o homem, pessoa do sexo feminino, uma fêmea que tem a finalidade de procriar para dar continuidade à espécie. Procriadora, dona de casa, cuidadora dos filhos, esposa que serve as vontades do marido e tantas outras coisas que, mesmo passando milhares de anos, ainda presenciamos com frequência. Está foi a maneira que a mulher era representada e felizmente, esses posicionamentos, gradualmente, mesmo que aos poucos, vão ficando para trás. Ao longo deste estudo pretendemos fazer um breve resumo da história da mulher, desde o período Paleolítico até os dias atuais e contar histórias de mulheres como a de Eva, Maria e de bruxas, que talvez, nunca saberemos, se realmente existiram, mas que, importante ressaltar, têm importância cultural.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UPF, e-mail: [eloisabarbosadacosta@hotmail.com](mailto:eloisabarbosadacosta@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho. Mestre, professor do Curso de Jornalismo da UPF, e-mail: [clebernelson@upf.br](mailto:clebernelson@upf.br)

Na história se percebe que desde o período Paleolítico, se idolatrava a fertilidade e fecundidade. Para Maria Nazareth Alvin Barros (2001), foi feita uma comparação entre a mulher e a terra, pois assim como a terra que dava a vida a mulher também podia gerar. Como nesse período não se tinha nenhum conhecimento sobre a função do homem na fecundação, as mulheres ficavam com todo o mérito e ao mesmo tempo em que eram idolatradas também eram temidas. Pois era considerada a “Senhora da Vida”, acreditava-se que se ela podia dar a vida também podia tirar.

As pessoas não sabiam como ocorria a fecundação, então ligavam tudo com magia. De acordo com Barros (2001), nesse período a mulher não aparecia como um ser frágil ou delicado. Ela era chamada também de “Terra Mãe” logo depois começou a ser idolatrada como “Deusa” por acreditarem que ela controlava a vida e a morte, assim como a natureza. Para Jeanne Marie Gagnebin (2008 p. 170), “adquire uma significação essencial para a vida e a sobrevivência do grupo inteiro. Essa função dá, de fato, um poder social primordial às mulheres.”

“Após a descoberta da agricultura, a vida sexual muda completamente de aspecto. O homem fixado à terra tem que trabalhar para sobreviver (ao contrário do primitivo que que era nômade e só trabalhava esporadicamente [sic] para comer, caçando ou pescando)” (MURARO, 1975, p. 26). Essa mudança acontece no período neolítico onde o ser humano começa a morar em um só lugar. Para poder sobreviverem as mulheres começam a cuidar das plantações enquanto os homens ficam encarregados de domesticar os animais, e foi aí que ouve uma grande mudança, quando o homem ao observar os animais percebeu que sem o macho a fêmea não procriava. Ele então percebeu a função fundamental que tinha na fecundação, que sem o homem a mulher não conseguia procriar.

Com isso a mulher aos poucos começou a perder toda a glorificação que antes tinha, pois ela sozinha não era a geradora da vida. Perdeu o lugar de “Deusa”, mas foi na idade dos metais que realmente o homem se coloca como superior, pois afinal, na cabeça dele, sem ele a mulher não era nada. “É o momento em que o panteão grego-romano se impõe, o judaísmo é constituído e desaparecem, quase como os pais da humanidade, os pais divinas e naquelas, não menos divinas, que o Direito romano instituiu” (BARROS, 2001, p.51).

As relações de dominação e opressão entre os sexos pontam muito mais para estratégias sociais de dominação, de controle, de disciplinamento e amestramento do único poder do qual os homens – enquanto seres masculinos – se vêem irremediavelmente despojados. São tentativas de conjuração da ameaça maior: a da morte do grupo

---

social por anarquia ou interrupção da regulação da função maternal.  
(GAGNEBIN, 2008, p.171).

De acordo com Barros (2001) as sociedades foram contaminadas pela ideia de que o macho é superior a fêmea, superior em todas as áreas, seja intelectual, social, religioso e até biológico. Já para Gagnebin (2008) o homem se colocou como superior por medo da extinção do grupo, que as mulheres deveriam ser domesticadas, para que assim eles pudessem controlar.

Desde crianças as mulheres já eram dominadas, primeiro pelos seus pais, depois pelos seus maridos e agora surgia o poder das religiões que também queriam mandar na vida delas. Novas regras foram sendo criadas, como se já não bastasse os homens se imporem contra as mulheres. Por causa das religiões as pessoas começaram a ter a noção de céu e inferno, as igrejas ditavam suas regras e quem não as obedeciam eram convencidos que após a morte não iriam para o paraíso prometido, mas que iriam para o inferno para serem punidos.

Barros afirma que “o cristianismo seria responsável pelo ocultamento da mulher, mas está não foi a atitude de Jesus” (2001, p. 161), pois Jesus acolheu a todos independente se fossem homens ou mulheres. Com isso, a Igreja acaba tendo que mostrar o importante papel que Maria, mãe de Jesus teve, já que antes era proibido manifestação a ela, pois as figuras de poder deveriam ser apenas de homens. “A mulher cristã tomou por ideal as virtudes com as quais a virgem foi homenageada: obediência, humildade, piedade, devoção, modéstia, espírito de sacrifício, reserva, prudência mas os atributos principais eram castidade do corpo e a pureza da alma” (p. 251).

Nessa época o que importava era a preservação do patrimônio, ou seja, casar-se com pessoas ricas para poder acumular ainda mais dinheiro, alguém com mais ou menos a mesma quantidade de bens, ou com uma fortuna ainda maior do que a pessoa. Dificilmente as pessoas se casavam por amor, mas por puro interesse, era comum também casamento entre parentes, para poder manter a fortuna da família e não passar para outra. Quanto mais filhos esse casal tivesse melhor, significava que mais abençoada por Deus a família era, os filhos eram mais mão de obra para trabalhar e assim adquirir mais e mais fortunas.

Para Rose Marie Muraro (1975), as mulheres só serviam para procriação e conservação do patrimônio, elas não tinham direitos a quase nada, muito menos de satisfação sexual, uma mulher sentir prazer era considerado pecado. Eram expulsas de

---

casa, deixadas pelos seus pretendentes e chamadas de “mulheres da vida”, consideradas prostitutas. “Havia as mulheres <<boas>> que serviam como espôsas [sic], e as <<más>> que eram utilizadas para a satisfação dos desejos animais que os homens não podiam realizar num casamento demasiado voltado para a procriação” (MURARO, 1975, p.29).

Para Itamára Dall’ Alba (2001, p. 9) “a transformação desta realidade passa a ocorrer com a incorporação da mulher, da classe operária, ao mercado de trabalho, na época da constituição das primeiras indústrias [...] pela clara escassez da mão de obra”. A revolução industrial mudou todas os estereótipos da época, que faziam comparação de mulheres “boas” e “más”, nisso dois grupos surgiram e foram para a política, as mulheres e os proletariados, “encontraram-se no terreno comum da demanda pelos direitos à cidadania e a uma vida digna” (PENA; LIMA, 1983, p. 17).

A partir daí que começam as chamadas “questões sociais” e “questão feminina”, pessoas que não tinham quase nenhum direito na sociedade, isso para não disser que não tinham nenhum, começam a lutar pelos seus direitos. “Assim, o século XX tornou-se o século das revoluções” (MURARO, 1975, p. 30). Aos poucos a mulher foi conquistando não só o seu lugar no mercado de trabalho, mas também conquistando muitos outros direitos. Como por exemplo, poder sair de casa, ser independente financeiramente, casar com quem quisesse, poder morar sozinha, enfim coisas que antes não eram possíveis. Dotes e heranças que vinham junto com os casamentos perdem a importância que tinham, pois aos poucos quem começa a comandar a própria vida é ela, a mulher.

“Com a Revolução Industrial a mulher passa a direcionar sua luta para a igualdade de direitos nas unidades de produção, tomando consciência de sua situação de inferioridade frente aos homens” (DALL’ALBA, 2001, p. 40). É isso que dá origem ao movimento feminista. “O feminismo como doutrina que prioriza a igualdade entre os sexos e a redefinição do papel da mulher na sociedade, que pressupõe o surgimento de uma consciência de gênero feminina [...]” (DALL’ALBA, 2001, p. 39).

“As mulheres são seres autônomos que têm noção de seus desejos. Um dos pontos mais positivos da segunda onda do feminismo foi oferecer às mulheres a oportunidade e o direito de lutar por seus interesses e objetivos” (PINKER, 2010, p. 119). A mulher não é um ser sem raciocínio, que achavam que era, ela é um ser racional que

---

sabe o que quer. E foi aí que as mulheres passaram a escolher suas profissões, independente se a profissão era considerada masculina ou feminina.

“Apenas em 1848 é que as mulheres americanas e inglesas se reuniram em Seneca Falls, nos Estados Unidos, e reivindicaram os seus direitos ao aprendizado da leitura, ao voto, à herança, e também exigiram um salário pelo seu trabalho doméstico e emprego no domínio público” (MURARO; BOFF, 2002, p.189). Antes disso as mulheres não tinham quase nenhum direito, eram “pouco mais que escravas”, obedeciam as ordens dos homens e foi com as primeiras feministas que lutaram durante décadas que conseguimos conquistar muitos dos direitos que temos hoje.

Hoje em dia as mulheres podem fazer tudo que quiserem, só que elas não conseguem realmente fazer tudo que querem porque ainda são julgadas, pela roupa, cabelo, profissão, sexualidade ou pela religião. Mesmo tendo se passado milhares e milhares de anos, o pensamento que o homem é superior ainda é uma realidade, só que está tão estigmatizado que muitas vezes passa despercebido. Nenhum dos sexos é superior ao outro, são seres humanos iguais que deveriam respeitar uns aos outros independente de suas escolhas.

## **1.1 Eva**

Segundo a Bíblia, os primeiros humanos a existirem foi Adão e Eva. Deus teria feito primeiro Adão e de uma costela dele fez a Eva. Deus deu o paraíso com tudo que precisavam e a única coisa que ordenou foi que não comessem do fruto proibido que daria conhecimento do bem e do mal e disse que se o comessem iriam morrer. O fruto proibido ficava em uma árvore que morava uma serpente, a qual convenceu os dois humanos a comer, o primeiro a comer foi Eva e depois deu a fruta a Adão que aceitou. Por desobedecerem suas ordens, Deus os expulsou do paraíso.

Então os dois expulsos do paraíso tiveram que viver com o mal que tinham causado, as pragas, os pecados e todas as coisas ruins que vieram como consequência do seu erro. “O mundo estava dominado pelo Mal, pelo Diabo e a culpada só poderia ser da mulher, afinal foi ela quem compactou com ele, foi ela quem tentou Adão, foi ela quem condenou a humanidade” (BARROS, 2001, p. 341). Então a mulher ficou como culpada de tudo, ficou como seguidora do Diabo, afinal foi ela quem pecou primeiro e persuadiu

o homem. “De um lado, a Igreja investida do poder de Cristo; do outro, o Diabo e suas fiéis servidoras, as mulheres” (BARROS, 2001, p. 341).

Só que “na Bíblia a mulher irrompe como pessoa, filha de Deus, destinatária do sonho de Jesus e convidada a ser, como os homens, também discípula e membro da nova comunidade messiânico- libertadora” (MURARO E BOFF, 2002, p. 99). Ou seja, ela é como o homem, digna de participar, de ser como o homem, ter os mesmos direitos. Isso aparece quando Jesus dizia sobre a igualdade entre homem e mulher e não um subordinado do outro.

O cristianismo posterior não conseguiu manter a ruptura instauradora de Jesus e de São Paulo. Ele sucumbiu à cultura dominante que subordinava a mulher ao homem. O próprio Paulo, contradizendo o princípio da igualdade, bem formulado por ele (Gal 3,28), pôde dizer, consoante o código patriarcal: “O homem não procede da mulher e sim a mulher do homem; nem o homem foi criado para a mulher, senão a mulher para o homem; deve, pois, a mulher usar o sinal de sua submissão – o uso do véu” (I Cor 11,10) (MURARO, BOFF, 2002, p. 101-102).

Só que a Bíblia foi escrita pelos apóstolos de Jesus, e muitas vezes se contradiz, pois “Jesus quebra vários tabus que pensavam sobre as mulheres. Mantém uma profunda amizade com Marta e Maria (Lc 10,38); [...] e deixa-se tocar e ungi os pés por uma conhecida prostituta, Madalena (Lc 7,36-50)” (MURARO, BOFF, 2002, p. 98). Mas como mostra na citação acima em várias partes da Bíblia os discípulos de Jesus o contradizem.

“Deus criou o ser humano à sua imagem, macho e fêmea Ele os criou” (1,27). No Segundo Testamento, centrado na figura do Cristo, se diz: “Não há homem nem mulher, todos são um em Cristo Jesus (Gal 3,28)” (MURARO, BOFF, 2002, p. 105). Deus e Jesus não discriminam as pessoas por ser homem ou mulher, perante eles somos todos iguais, “quando dizemos Deus- Pai não dizemos algo diferente do que quando dizemos Deus- Mãe. Por pai e mãe pretendemos, teologicamente, expressar que a vida e a inteira criação têm a sua origem em Deus” (MURARO, BOFF, 2002, p.106).

## 1.2 As bruxas

“Em todas as épocas, as mulheres se destacaram pelo conhecimento das propriedades curativas, venenosas, afrodisíacas ou alucinógenas das plantas” (BARROS, 2001, p. 337). Segundo a autora, as mulheres que tinham esse conhecimento eram

consideradas donas de poderes mágicos, mas esses poderes não tinham finalidades malignas, tinha na maioria das vezes fins curativos. A ligação da mulher “bruxa” com coisas do Diabo surgiu na Idade Média e durou até a Idade Moderna que foi denominado Renascimento. O tempo passou, mas o pensamento retrocedeu, pois, esse período foi marcado pelas as perseguições as “bruxas”.

No cristianismo foram sacrificadas pela Inquisição centenas de milhares de mulheres – as feitiçeras – pelo fato de serem orgásticas. O raciocínio teológico era o seguinte: o pecado original foi a primeira cópula. E foi porque o homem escolheu o prazer oferecido pela mulher que ele entregou a sua alma a satanás. Portanto, o prazer é o mais hediondo dos males e ele vem diretamente de satanás. (MURARO, BUFF, 2002, p. 167).

As bruxas foram aquelas mulheres que sabiam de plantas ou que eram misteriosas e sensuais, elas eram torturadas e queimadas, mesmo que negassem as acusações, eram torturadas até o ponto de não aguentarem mais e mentirem ser bruxas. Com isso, foi criado a certeza de que as “bruxas” eram adoradoras do Diabo, pois não era normal ter “poderes mágicos. [...] No início do século XVIII, a caça às bruxas estava em desuso e são os registros policiais que as acusam” (BARROS, 2001, p. 385).

As perseguições tiveram fim, e coisas que eram consideradas atos de bruxaria deixaram de ser feitos ou expostos. As “bruxas” que curavam passaram a ser chamadas de curandeiras, a mulher também passou a ter horror do sexo, pois considerava que ter prazer era coisa do Diabo, então para elas o ato sexual se tornou algo para satisfazer os maridos ou simplesmente ter filhos que era e ainda é considerado obrigatório na sociedade.

### 1.3 Gênero

O conceito de gênero começou nos anos 80, segundo Rose Marie Muraro e Leonardo Boff (2002), esse conceito era utilizado por feministas da área anglo-saxã, muito utilizado para a definição de sexo, macho e fêmea. Mas para Moema Viezzer (1989), gênero é muito mais amplo, é cultural, é da cultura em que a pessoa está inserida, do que é ser feminino e masculino, o que a pessoa precisa representar para ser homem ou mulher.

Segundo Viezzer (1989), é importante entender as relações de gêneros, os papéis do ser feminino e do ser masculino que são construídos pela sociedade. “Homens



---

e mulheres são seres humanos iguais, em dignidade e em direitos. E o que as mulheres propõem é apenas e simplesmente que a sociedade se estruture e se organize em função dessa igualdade, já universalmente declarada mas ainda não aplicada” (p. 117).

Para Rosa Maria Hessel Silveira e Cláudia Amaral dos Santos (2004, p.267) “aprender a ser homem e aprender a ser mulher é uma tarefa das mais precoces na nossa cultura”, por exemplo, ensinando as meninas a cuidar do corpo e da casa, os meninos a ser machão e gostar de futebol, coisas que seriam para meninos ou para meninas, mas quem disse que essas coisas não podem ser trocadas? As autoras ainda dizem que “essas representações, entretanto, não são monolíticas, apresentando, assim como as identidades, fissuras e brechas, nas quais penetram outros discursos. Assim, eventualmente podemos encontrar meninos medrosos, meninas talentosas no futebol ou que se envolvem em confusão” (2004, p. 275).

Já para Muraro e Boff (2002, p.18) “falar de gênero é “falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e, de outro, no fato da cultura, da história, da sociedade, da ideologia e da religião desse caráter biológico”. Então não é só cultural é também do biológico, para Pinker (2010), ser homem ou mulher é biológico, vem de antes de nós nascermos, quando estamos em formação da barriga da mãe, são os hormônios que vão dizer as nossas características.

Dall’ Alba (2001, p. 54) afirma que é uma “construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos, a produção do masculino e feminino, não como algo pronto no momento do nascimento, mas sim como um processo que se dá ao longo da vida”, que seguimos modelos, como se copiássemos o que vimos com imagens, ideias, religiões, etc. Ela também diz que não é só social, mas também biológico, “ao nascer, os sujeitos já trazem determinadas características físicas e biológicas que os predispõe a vier como homens ou mulheres, mas um conjunto de outros determinantes (sociais, psicológicos, culturais) podem levá-los a construir-se de acordo ou em oposição às características biológicas” (2001, p.55).

Esperamos chegar um tempo em que tudo mudara, não haverá mais diferença, todas as pessoas não serão mais julgadas pelo seu gênero, orientação sexual, modo de vestir ou de ser, enfim, não serão julgadas por ser ou não ser, que cada um vai cuidar da sua vida sem bisbilhotar a do outro. “Então iremos brilhar e irradiar. O homem será mais feminino, a mulher mais masculina e, juntos, mais humanos e mais cósmicos, cada um,



---

na sua diferença, aparecendo como parábola do Mistério e lugar de realização e de revelação de Deus dentro da nossa história” (MURARO, BUFF, 2002, p. 286).

Pois afinal não somos mais os mesmos, mudamos a cada dia, e esperamos que seja para melhor, e como diz Dall’ Alba (2001, p. 108) “já não somos como nossas mães, que por sua vez não foram como nossas avós, e, por certo nossas filhas encontrarão um mundo diferente e não serão como nós”. Como vimos na história as coisas mudaram e para melhor e esperamos que continue melhorando cada vez mais, pois afinal a esperança é a última que morre e como somos nós que damos a vida, esperamos que ela nunca se vá. Neste estudo mostramos um resumo da história da mulher, recordando como ela era vista desde o período paleolítico até a revolução industrial. Apresentaremos a série *The Handmaid’s Tale*, a história que se passa na série, seus personagens, entre outras coisas, a qual iremos mais tarde analisar.

## **2 THE HANDMAID’S TALE**

Neste estudo pretendemos mostrar um pequeno resumo sobre a série *The Handmaid’s Tale*, no que ela foi baseada, seus personagens e informações que consideramos importantes. A série foi lançada ano passado e conseguimos acessá-la apenas pela internet, obtivemos poucas referências bibliográficas, mas buscamos em sites e sempre tentamos pesquisar em outros meios também.

A série foi baseada no livro *The Handmaid’s Tale*, escrito por Margaret Atwood em 1985, traduzido no Brasil como *O conto da Aia* e transformado em série pelo serviço de streaming Hulu<sup>4</sup>. A primeira temporada da série tem dez episódios e segundo o site G1 a nova temporada sairá dia 25 de abril deste ano. A série é um antiutopia, ou seja, distopias de um futuro onde os Estados Unidos se chama República de Gilead, onde a sociedade é dominada pela igreja em um regime teocrático<sup>5</sup> e totalitário<sup>6</sup>.

Nesse novo sistema se espalha uma onda de infertilidade nas mulheres, com isso, da noite para o dia elas perdem seus direitos. Suas contas bancárias são bloqueadas, são demitidas de seus empregos, perdem o direito de liberdade e de repente começam a

---

<sup>4</sup> Serviço de streaming que podemos acessar diversos filmes e séries.

<sup>5</sup> Teocrático porque o sistema político é submetido as regras da religião, nesse caso é da igreja católica.

<sup>6</sup> Totalitário porque o sistema se coloca no controle de alguém, que na série são as mulheres.

circular militares por todos os lugares e elas começam a ser perseguidas e levadas para centros de treinamentos. Nesse sistema a sociedade é dividida em classes, as mulheres férteis que são as chamadas Aias que tem a função de procriar. As Martas que são estéreis e ficam com a função de domésticas e cozinheiras; as mulheres que tentam fugir ou fazem algo que é considerado errado são mandadas para as colônias, para trabalhar como escravas até a morte, pois lá o nível de radiação é fatal; as mulheres dos comandantes que são inférteis e não fazem nada importante e as Tias que são treinadoras do centro vermelho.

A série mostra as coisas do ponto de vista da personagem principal June Osborne que vai ser chamada de Offred, ou seja, as coisas são mostradas do ponto de vista das Aias, mostrando o presente e o passado com *flashbacks* para entendermos como era antes de tudo ter mudado, a história da vida dela antes de ser Offred, como tudo aos poucos foi se tornar a República de Gilead. A narração é feita por ela, aparece o que ela está pensando de tal situação, pois em muitas cenas ela tem que mostrar que está tudo bem, aguentar tal coisa, mas por dentro, na narração ela está mandando todo mundo a merda, está com raiva ou coisa do tipo, o fato de ter narração nos fixa ao personagem, você acaba sentindo o que ela está sentindo e acaba se prendendo na série.

Em seu livro O conto da Aia, de Margaret Atwood (1985) conta que “Em meio à opressão de um Estado teocrático e totalitário, Offred se agarra à esperança de saber o paradeiro da filha e do marido”, a série mostra a história dessa mulher que sofre nesse regime e mesmo assim busca uma razão para continuar lutando.

## 2.1 Aias

As Aias são as mulheres férteis, que são levadas para centros de treinamentos que são chamados de centros vermelhos. Lá elas aprendem a não confiarem umas nas outras, a serem submissas e obedecerem seus donos, nesse treinamento elas passam por castigos corporais e uma espécie de lavagem cerebral. Os castigos corporais podem ser de qualquer forma desde que não as deixem inférteis e que possam procriar, podem ser arrancados membros de seu corpo como dedos, mãos, olhos e outras coisas, como acontece com a personagem Janine/Ofwarren que lhe arrancam um de seus olhos. Lá é feito uma reeducação porque colocam a ideia de que tudo está acontecendo é vontade de Deus como se fosse um bem maior.

---

Essas mulheres além de sofrerem horrores, ao irem para o centro vermelho perdem seus nomes e elas não podem mais falar do seu passado. Quando vão para a casa dos comandantes elas são chamadas pelo nome de seu dono. No caso da personagem principal, antes de tudo isso acontecer o nome dela era June Osborne e passa a ser chamada de Offred, literalmente “De Fred”, tem que ser *of* mais o nome de seu dono, ou seja, o nome do homem da família. São como objetos de procriação de tal pessoa e quando mudam de casa elas mudam de nome também que é o caso da Janine que depois foi chamada de Ofwarren e quando mudou de dono seu nome passou a ser Ofdaniel.

Depois de um longo treinamento no centro vermelho essas mulheres são encaminhadas para a casa de homens poderosos e suas esposas estéreis, com a função de procriar. É feita uma cerimônia uma vez por mês, no dia mais fértil da Aia, então ela é estuprada pelo seu dono, em uma forma de cerimônia religiosa colocada pela igreja para que ela engravide. Nessa “cerimônia” eles leem a Bíblia, a história de Bila e Jacó na parte em que diz: “Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: ‘Dá me filhos senão morro.’ E ela disse: ‘Eis aqui minha serva Bila. Coabita com ela para que dê à luz sobre meus joelhos e eu, assim receba filhos por ela.’ Assim lhe deu a Bila, sua serva, por mulher e Jacó a possuiu.”

Depois da leitura a mulher do comandante se senta na cama e a Aia se deita com a cabeça no meio das pernas dela, a mulher do comandante então segura a Aia pelos pulsos e o comandante então à estupra. Isso acontece uma vez por mês até que a Aia engravide ou até desistirem e a devolverem para o centro vermelho, se engravidam ficam cuidando do bebê até não precisarem mais e é mandada para outra casa para procriar novamente.

## 2.2 A História de June

Offred antes de tudo se chamava June Osborne, esse nome tem muitos significados, para o site Enciclopédia Cultural o nome vem da deusa romana Juno que vigiava a vida das mulheres, seu nome foi colocado como homenagem no sexto mês do ano, já na cultura grega ela é representada pela deusa Hera que é deusa do amor e do casamento, para a personagem June é um nome que deve ser esquecido, assim como tudo que viveu. Ela tinha uma vida como todas as outras pessoas, tinha um marido, uma filha,

---

um emprego, uma vida tranquila e normal, as coisas mudaram assim que teve um golpe político e a sociedade começou a ser governada por um regime dominado pela igreja extremamente rigorosa. Trabalhava em um escritório e de uma hora para outra foi demitida, perdeu seus direitos, e começou a ser perseguida pelo fato de ser fértil.

Então desesperada ela tentou fugir com a família para outro país que não tivesse esse regime político. Mas, o carro acabou batendo, ela correu com a filha, o marido acabou ficando para trás e se ouviu barulho de tiros, os militares acabaram as alcançando, separaram as duas, então mandaram June para o centro vermelho. Lá reencontrou a amiga Moira, elas tentaram fugir mas June acabou sendo pega e castigada, para cada coisa de errado que elas fazem recebem um determinado castigo, desde que depois elas possam engravidar. June só aguenta tudo isso pela filha que quer reencontrar e ainda pensa num futuro melhor.

Na casa do comandante Fred Waterford, June vira Offred, pois agora pertence a ele, lá ela passa por muitas “cerimônias” para engravidar, mas não consegue. Só que eles não percebem que a aia anterior a June também não tinha conseguido engravidar e que o problema talvez não fosse as aias, mas que o problema seria em Fred. Offred descobre isso quando vai para um médico que se oferece para ajudá-la, mas ela recusa, e com o tempo a mulher do comandante Serena Joy acaba deduzindo onde estava o problema e decide que Offred deve usar Nick Blaine que é o motorista da casa para engravidar, pois afinal não só a mulher do comandante é infértil, como o próprio comandante.

### **2.3 Personagens**

O nome de algumas personagens muda no decorrer da série, pois as mulheres que são aias ao trocarem de dono, trocam também de nome, podemos perceber que apenas homens e suas legítimas mulheres apresentam sobrenomes. Abaixo mostraremos uma lista de nomes de alguns personagens.

June Osborne: é a personagem principal, interpretada pela atriz Elisabeth Moss. June antes de se tornar Offred tinha um marido e uma filha que quase não aparecem, seus papéis Luke e Hannah são interpretados pelos atores O-T Fagbenle e Jordana Blake.

Fred Waterford: é o “dono” de June, comandante que tem um papel importante no governo de Gilead, interpretado pelo ator Joseph Fiennes.

---

Serena Joy Waterford: é esposa de Fred, ela quer muito ser mãe e para isso é capaz de tudo, é interpretada pela atriz Yvonne Strahovski.

Moira: é amiga de June desde antes de os Estados Unidos virar República de Gilead, é uma aia que conseguiu fugir do centro vermelho com a ajuda de June, é interpretada pela atriz Samira Wiley.

Janine: uma das aias que June fica amiga no centro vermelho, fica desequilibrada mentalmente após ter seu olho retirado por mau comportamento, vira Ofwarren, mas depois passa a ser Ofdaniel, engravida e acha que seu “dono” a ama e quer fugir com ela, é interpretada pela atriz Madeline Brewer.

Emily: é uma aia que virou amiga de June ao saírem juntas para fazer compras, vira Ofglen, ela é considerada traidora do gênero por ser homossexual e é pega ao descobrirem que ela faz parte do grupo anti-governo chamado Mayday, é interpretada pela atriz Alexis Bledel.

Nick Blaine: é motorista do comandante Fred, suspeito de ser um olho, acaba se envolvendo com June, é interpretado pelo ator Max Minghella.

Lydia: chamam ela de Tia Lydia, é “treinadora” no centro vermelho, interpretada pela atriz Ann Dowd.

## 2.4 No que foi Baseada?

A série *The Handmaid's Tale* foi baseada no livro escrito por Margaret Atwood em 1985. A autora informou para o *The New York Times* algumas coisas na qual se baseou para escrever o livro e que depois teve algumas alterações na série. Conta que começou a redigir o romance em 1984, que inicialmente não se chamava o conto da serva, tudo que anotava passava a limpo numa máquina de escrever alemã, porque na época ela morava em Berlim Ocidental<sup>7</sup>. Margaret Atwood fala que enquanto estava morando lá, todos os domingos a força aérea da Alemanha Oriental faziam estrondos sônicos para lembrar a população de que estavam próximos.

A autora diz que enquanto visitava os países da Alemanha, manteve cautela, tinha a impressão de ser espionada e os silêncios, os cuidados que tinham para não falar certas coisas há influenciaram no que escrevia. Por ter nascido em 1939 na época em que

---

<sup>7</sup> Parte de Berlim que foi dividida na Guerra Fria por um muro, chamado Muro de Berlim.

---

estava acontecendo a segunda guerra mundial, ela sabia que as coisas poderiam mudar de um dia para outro. E em 1984 já tinha deixado de lado seu livro por um ou dois anos, então lhe pareceu uma aventura publicar o livro no meio do que estava acontecendo. Ela afirma que já tinha lido muitos livros de ficção científica com utopias, mas nunca tinha escrito algo do tipo. “Se eu fosse criar um jardim imaginário eu queria que os sapos fossem reais [...] Sem aparelhos imaginários, sem leis imaginárias, sem atrocidades imaginárias. Deus está nos detalhes, dizem eles. Assim como o diabo”<sup>8</sup> (ATWOOD, 2017, tradução nossa).

Atwood (2017) queria que o livro fosse passeado em algo real, que já tivesse acontecido ou que estivesse acontecendo. Ela informa em sua publicação no The New York Times que Gilead foi baseado na biblioteca de Widener<sup>9</sup>, onde tinha passado horas e horas pesquisando sobre antepassados da Nova Inglaterra e os julgamentos de bruxaria de Salem. E que na série a infertilidade é colocada como se uma onda tóxica tivesse acontecido, só que no mundo em que vivemos estudos apresentam que uma grande parte dos homens chineses estão inférteis.

Com o tempo o nome do livro mudou para o conto da serva em homenagem ao livro *Canterbury Tales*, que é os contos da Cantuária, um livro de contos folclóricos. Ao longo dos anos o livro o conto da serva foi traduzido em mais de 40 idiomas, traduzido no Brasil como o conto da aia, já foi transformado em ópera, foi inspirações para filmes e em 2017 transformado na série *The Handmaid's Tale* pela Hulu.

Percebemos que o que vimos na série foi baseado em muitas coisas que aconteceram e que acontecem no mundo, por isso trouxemos uma breve história sobre a mulher, para depois apresentarmos a série e por último, mas não menos importante, realizarmos uma análise sobre a mulher na série e relacionar com o estudo que fizemos. Não pudemos concluir esse estudo, pois ele está em andamento até o presente momento.

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleonor. O conto da aia. *The Handmaid's Tale* tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

---

<sup>8</sup> “If I were to create an imaginary garden I wanted the frogs to be real [...] No imaginary devices, no imaginary laws, no imaginary atrocities. God is in the details, they say. Just like the Devil”

<sup>9</sup> Uma das muitas bibliotecas que a Universidade de Harvard tem.

---

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. As deusas, as bruxas e a igreja: séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

DALL'ALBA, Moema. A mulher e sua participação ao longo da história. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Administração-Recursos Humanos) – Universidade do Contestado: Concórdia, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie: no feminino plural. In: TIBURI, Marcia; VALLE, Bárbara (Orgs.). Mulheres, filosofia ou coisas do gênero. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 167-178.

MURARO, Rose Marie. Libertação sexual da mulher. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

PENA, Maria Valéria Junho; LIMA, Elça Mendonça. A mulher na política operária da primeira república. In: BARROSO, Carmem; COSTA, Albertina Oliveira (Orgs.). Mulher Mulheres. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1983. p. 17-33.

PINKER, Susan. O paradoxo sexual: Hormônios, genes e carreira. The sexual Paradox tradução de Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

PRESSE, France. The Handmaid's Tale volta para a segunda temporada com novos personagens. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/the-handmaids-tale-volta-para-a-segunda-temporada.ghtml>>. Acesso em: 2 abril. 2018.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SANTOS, Cláudia Amaral dos (Orgs.). Gênero e diferença em textos escolares infantis. In: CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Orgs.). Produzindo gênero. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 267- 278.

VIEZZER, M. O problema não está na mulher. São Paulo: Cortez, 1989.

VINEYARD, Jennifer. Margaret Atwood Annotates Season 1 of 'The Handmaid's Tale'. Disponível em: <[https://www.nytimes.com/2017/06/14/watching/the-handmaids-tale-tv-finale-margaret-atwood.html?ref=collection%2Ftimestopic%2FAtwood%2C+Margaret&action=click&contentCollection=timestopics&region=stream&module=stream\\_unit&version=latest&contentPlacement=8&pgtype=collection&onb=true&join\\_watching\\_newsletter=true&receive\\_updates=true&wreg=true&register=facebook](https://www.nytimes.com/2017/06/14/watching/the-handmaids-tale-tv-finale-margaret-atwood.html?ref=collection%2Ftimestopic%2FAtwood%2C+Margaret&action=click&contentCollection=timestopics&region=stream&module=stream_unit&version=latest&contentPlacement=8&pgtype=collection&onb=true&join_watching_newsletter=true&receive_updates=true&wreg=true&register=facebook)>. Acesso em: 7 abril. 2018.

WASSON, Donald L. Juno: origem e história. Disponível em: <<https://edukavita.blogspot.com.br/2016/06/juno-origens-e-historia.html>>. Acesso em: 6 abril. 2018.